

MONSENHOR JOVINIANO BARRETO

PADRE AZARIAS SOBREIRA

Pendente do título acima, li ultimamente um opúsculo de 66 páginas, recém-editado na cidade do Crato e da autoria do padre Neri Feitosa, ex-redator-chefe do semanário *A Ação*, de igual procedência. O inculcado trabalho se apresenta como fazendo parte de uma série de biografias ali vindas a lume. Traz ainda um subtítulo: *Cadernos do Cariri*.

E é especialmente em vista de o autor pretender dar à dita composição indisfarçável cunho histórico, que entendi de bom alvitre vir de público, através desta Revista, debater aspectos de certas afirmações ali feitas, para a elucidação da verdade em mira.

Adotando semelhante deliberação, meu escopo é oferecer humilde ajuda com vistas a uma segunda edição, de vez que me sinto habilitado a fazer, no caso, luz sobre tópicos passíveis de contestação.

Como ressalva das responsabilidades do autor, vale a pena frisar que êle, editando o referido livrinho, incorporou, ao trabalho de sua própria lavra, cinco artigos de data muito anterior, artigos assinados por outros ilustres cearenses, todos enaltecedores da personalidade de monsenhor Jovinião. E é principalmente num deles, produto da pena do economista João Gonçalves de Sousa, que existem senões de maior relevância, bem explicáveis pela distância, no tempo e no espaço, em que se achava o articulista, cujo empenho era exprimir sua gratidão ao saudoso biografado.

Se o autor, presentemente assoberbado de quefazeres paroquiais, houvesse submetido os manuscritos à análise de seu erudito primo, mons. Antônio Alves Feitosa, por certo teria varrido a testada, apondo notas explicativas a cada trecho controverso. Lá diz o rifão escriturístico: "O irmão ajudado por seu irmão é uma cidade entrincheirada."

Entremos na arena pelo comentário de um tópico da página 15, onde o autor, certamente mal informado, faz esta outra afirmação que se vem chocar com o relato a mim pessoalmente feito por mons. Joviniano: "Enfrentou o valentão Alfredo Coutinho que queria casar contra as leis; o valentão o insultou demoradamente, passeando, em idas e venidas, pela frente da Casa Paroquial." Se, no caso em aprêço, houvesse somente inexatidão, por certo eu não me daria ao trabalho de trazê-lo aqui à balha. Sucede, porém, que, além de inexato, o que aí fica envolve uma injustiça a êsse mesmo Alfredo Coutinho. E me doeria na consciência deixar sem comentário o fato, seguro, como estou, de não corresponder à verdade o que ora se atribui a Alfredo Coutinho, pessoa que, até o presente momento, só conheço de nome.

Eis o que realmente ocorreu no episódio supra, de acôrdo com a narração a mim feita pelo seu protagonista. Alfredo Coutinho, com a desejável antecedência, procurou o Pároco a fim de dar andamento aos proclamas e dispensa de parentesco relacionados com o seu casamento. Como morasse longe da Matriz, quis logo fixar o tempo do enlace a fim de evitar novas viagens para tratar do assunto.

Aquele tempo o Ceará era constituído de um único bispado, com sede em Fortaleza, nada menos de oitenta léguas de Independência, a paróquia em tela; e tudo se fazia em costas de animal. Sendo ainda inexperiente, o padre fêz o cálculo e aprazou o enlace para 30 ou 40 dias adiante.

Estribado nessas garantias, o pobre matuto se apresenta na Casa Paroquial, comunicando que já tinha vindo com a noiva e grande acompanhamento para a realização das bodas. Mons. Joviniano examina então os papéis da Cúria Diocesana em seu poder e, não sem imensa amargura, verifica o imprevisito: não tinha chegado até então a dispensa do impedimento de parentesco... E acrescenta ser-lhe impossível celebrar o casamento naquele dia.

Fora de si, o noivo fala sem medir as palavras, dizendo isto, mais ou menos: — Agora é tarde. A festa já está preparada e muita gente foi convidada para ela. Ou o Sr. dá um jeito ou não se admire se eu casar hoje no civil e fôr morar com a môça... Agora com que cara vou me apresentar?

A tais expressões o Vigário perdeu de todo a serenidade. Ferveu-lhe nas veias o sangue de filho dos Inhamuns, o sangue materno que era de notória impulsividade. E com tamanha violência empurrou o noivo que êste rolou pela calçada abaixo. Sacudindo então a roupa, dizia em seu desapontamento: — "O Sr. agradeça ser padre. Se não fôsse isso, a história ia ser contada de outra forma." E ficou desabafando a desfeita entre os conhecidos que ia encontrando na redondeza.

Daqui se infere que, na realidade, Alfredo Coutinho não queria, absolutamente, casar contra as leis. A prova está na circunstância de haver, na forma de estilo, procurado o Pároco para pôr em ordem seus papéis, desembolsando o dinheiro regulamentar em negócios de tal monta.

Aí fica, por conseguinte, a inculcada retificação.

* * *

Na página 16 dois erros demandam corretivo, embora de some-nos importância. Eis quanto ali se encontra sob tal aspecto: "Em 1922, sendo (êle) Reitor do Seminário do Crato, viu morrer fulminado por um raio o seminarista F. Lôbo." Na realidade, o triste sucesso se efetuou em 1920 e não em 1922. O seminarista se chamava José Lôbo, e não F. Lôbo, como afirma o autor. Aliás, naquele momento fatídico dois foram os estudantes atingidos pela faísca elétrica: um do Crato, aquêle que de fato morreu instantâneamente; o outro, de Lavras da Mangabeira. Foi êste último menos desafortunado, porquanto, depois de ter ficado mais de uma hora em estado de choque, graças à solicitude do médico Joaquim F. Teles, recobrou os sentidos e veio a ser o educador e poeta de grande talento que se chamou Antônio Filgueiras Lima, cuja morte ainda recente cobriu de luto a intelectualidade cearense.

Dêsse lutuoso sucesso resultou para o biografado uma neurose da qual só se refez no ano seguinte, após dois meses vividos no sertão dos Inhamuns. O clima natal num ano de bom inverno, o repouso e o aconchego inapreciável da família operou a cura suspirada, habilitando-o a retomar o árduo ofício, numa trabalhadeira exaustiva que só a morte, vinte nove anos mais tarde, haveria de interromper.

A propósito, cabe aqui mais uma retificação: ao tempo do sinistro, mons. Joviniano não era ainda Reitor do Seminário e sim Diretor do Colégio Diocesano. A reabertura do Seminário do Crato só se registrou em 1922, dois anos para a frente.

Em confirmação parcial do que acima relatamos no episódio Alfredo Coutinho, vale a pena chamar a atenção do leitor para outro pequeno tópico do livrinho que vimos analisando, encontrável na página 44: "Sem embargo do seu temperamento sanguíneo denunciado em gestos de flagrante impulsividade, conseguiu êle tamanho domínio de si mesmo que a cada instante lhe transpareciam os efeitos de sua reação moderadora, calcada, principalmente, no cultivo das virtudes teológicas..."

Sinto prazer em dar meu testemunho individual dessas invejáveis qualidades de mons. Joviniano Barreto. Uma delas, e não a menos digna de aprêço, era a boa sombra com que costumava acolher amigos e sobretudo colegas que iam vê-lo. Pode-se dizer que, afora

a sinceridade característica, sua nota mais saliente consistia no dom de contar casos e anedotas, que sabia referir encantadoramente, arrancando gostosas gargalhadas até dos mais sisudos. Em oito anos de convivência com êle, poucas vezes o vi repetir casos dêsse seu repertório, tal a riqueza do seu canhenho e a fertilidade de sua imaginação. Porque parecia que muitas de suas anedotas eram criação própria, o que lhes não diminuía o sabor.

Ainda a respeito de sua conhecida impulsividade de temperamento, salientarei uma confidência sua em palestra comigo: atribuía essa marca de seu caráter à circunstância de ter morado algum tempo com a avó materna que, por sinal, fazia-lhe excessivamente as vontades. Isso não obstante, sempre foi incapaz de guardar ódio, inclusive em seus tempos de estudante, como era incapaz de pedir desculpa a quem quer que fôsse, ainda quando o Evangelho é explícito em tal aspecto da caridade fraterna.

Especialmente para com os colegas de classe, sua benevolência se revelava acima da craveira comum, vindo daí a confiança com que seus amigos e o clero novo da sua diocese a êle se dirigiam para tomar conselho, em horas de ansiedade ou aflição.

Exemplifiquemos. Durante sua gestão à frente do Colégio Diocesano e do Seminário do Crato, cumulativamente, houve um jovem professor de singular talento que, lendo muito e sempre sonhando com novas reformas do ensino, vez por outra fazia censuras ao sistema educativo do Reitor. Em abono dêste, diga-se de passagem que seu modo de orientar os seus educandos, então como agora, poderia ser proposto como modelo a muito diretor de educandário. Era, incontestavelmente, providente, compreensivo e paternal, ao mesmo tempo.

Um dia daqueles, em nossas confabulações a dois, mons. Jovinião queixou-se do mencionado colaborador e disse o seguinte: — "Vou hoje sair de minha norma de vida e rogar uma praga a fulano..." Supondo eu que se tratasse de uma praga de verdade, atalhei-o inconformado: — "Pelo amor de Deus não faça tal." Êle, porém, retrucou impassível: — "Fique sem cuidado. O que eu peço e espero de Deus é que fulano tenha aos ombros responsabilidades do tamanho das minhas, para saber quanto custa governar adolescentes."

Digno de registro é que o vaticínio se realizou ao pé da letra. Pouco tempo depois, o jovem e irrequieto professor foi investido nas funções de diretor de uma importante casa de educação; e dentro de dois anos estava outro. As agruras do ofício o tinham enchido de compreensão e indulgência para o próximo, no melindroso setor educativo. Bem pesados os prós e os contras, logo se descobre, na praga de mons. Jovinião, indiscutível grandeza moral de quem, habituado à meditação da mensagem cristã, só acha jeito de pagar o mal

com o bem. Aquela sua maneira de desabafar caberia, plenamente, nos lábios do melhor dos pais em relação a um filho insofrido e pobre de conhecimento do coração humano.

* * *

Nas páginas 52 e 53 deparamos com afirmativas do economista João Gonçalves de Sousa, afirmativas por ele feitas nos idos de 1950 e que, em vista da distância em que vivia o articulista, ainda na verdura dos anos, estão a merecer-nos alguns reparos. Eis a primeira:

— “Não vai exagêro em dizer-se que, de três cearenses formados ou ordenados nos últimos trinta anos, pelo menos um passou pela mão dêle.”

Vai aqui uma hipérbole difícil de ser explicada num brilhante intelectual que tem primado pela exatidão e comedimento, como bom cultor das matemáticas. É que, antes de tudo, em que região ou Estado essa percentagem de “formados ou ordenados” poderia ser averiguada? E isso deixa o leitor numa espécie de mundo da lua, sem possibilidade de emitir um juízo em tôrno dessa arrojada cifra de doutôres e padres...

Mesmo em se tratando apenas do Ceará, o que o autor não esclarece, salta prontamente aos olhos que, havendo ficado na reitoria do Seminário do Crato apenas pelo espaço de onze anos, de primeiro de janeiro de 1922 até 31 de dezembro de 1932, jamais poderia ter saído de sua direção tamanha lista de candidatos ao sacerdócio que de cada três novos padres ordenados no Ceará um dos três houvesse saído das mãos de mons. Joviniano Barreto.

É que em Fortaleza e Sobral havia seminários florescentes e com matrícula bem mais alentada, donde se infere o arrôjo e inverossimilhança da dita afirmação. Assim é que, contados a dedo todos os seminaristas que, havendo passado pela batuta do mencionado Reitor, atingiram o sacerdócio, não se encontram mais de cinqüenta e seis. Ora, em 1950, ano de sua morte e dos necrológios aqui apreciados, o número de sacerdotes do Ceará devia ultrapassar a casa dos duzentos e cinqüenta, levados em conta os que viviam fora do Estado. E só esta observação põe por terra a avaliação gonçalviana. É óbvio.

Relativamente aos doutôres é que a disparidade se torna mais chocante e absurda. Nem vale a pena argumentar. Fôrça de expressão de um talento imaturo e um coração movido pelo reconhecimento. Digo bem, pois é o próprio economista quem dá testemunho em tal sentido. Quando estudava sob a direção de mons. Joviniano, a família do adolescente ficou em condições de não poder mantê-lo mais no estudo. Informado de tão aflitiva realidade, o generoso Diretor chamou o educando e restituiu-lhe o desejável sossêgo:

— “Fique no Ginásio e não pense em dinheiro.” Em verdade, estou habilitado a sustentar que essa foi, quase invariavelmente, a orientação seguida pelo saudoso e pranteado educador. E duvido inclusive quando o beneficiário lhe correspondesse com manifesta ingratidão. Ninguém ignora que são raros os Joões Gonçalves.

Aqui reproduzo outra citação do acatado economista: — “Obras sociais sem conta êle as fomentou à sombra da Igreja.”

Sem desconhecer, antes proclamando as benemerências da patriótica atuação de mons. Joviniano Barreto, declaro, sem receio de contestação, que ignoro quais tenham sido essas obras sociais sem conta por êle promovidas e disseminadas à sombra da Igreja ou fora dela. A razão está em que, ao invés de se destacar pela paixão ou prurido de iniciativas, sua característica era manter e consolidar o que de bom encontrava feito ou em vias de fazer-se. E val nisso um nôvo sinal de seu aprumo.

Encerremos nossos cavacos transcrevendo uma terceira afirmativa do Dr. João Gonçalves, também ela passível de contestação: — “Reitor do Seminário do Crato, foi ali que conseguiu ligar seu nome à vida de centenas de padres que hoje estão a governar a maior parte das paróquias das quatro dioceses do Estado.” O absurdo de tal linguagem, inteiramente ao arrepio da verdade dos algarismos, dispensa comentário diante do que já salientei linhas acima, ao fazer sentir que foram tão-sòmente cinqüenta e seis os padres que tiveram a dita de estudar durante o reitorado do nosso herói.

Onde, portanto, essas “centenas de padres que estão a governar a maior parte das paróquias das quatro dioceses do Estado” e aos quais mons. Joviniano teria ligado seu nome como Reitor do Seminário?

É mais do que evidente o equívoco

* * *

Antes de encerrar estas considerações, contarei um caso por mim presenciado e que redundará em louvor do morto.

Corria o primeiro mês do ano letivo de 1923. No Seminário do Crato, logo após o almoço da comunidade, apresentou-se-nos, ainda de esporas e chibata, um adolescente de seus quatorze anos, recém-vindo de Santanópolis. Chamava-se José Telles da Cruz.

Sabíamos-lo rebento de distinto casal cratense domiciliado naquela vila serrana, além de sobrinho-neto do cel. Felinto da Cruz Neves, varão rico e magnânimo. Não possuindo filhos, comprazia-se êste, já para o fim da vida, em educar, às próprias expensas, os sobrinhos sequiosos de saber.

Que pretendia o rapazito? Simplesmente conseguir, da diretoria daquele educandário, um lugar gratuito entre os nossos alunos in-

ternos. Aliás já o conhecíamos de antiga data, se bem que um tanto superficialmente.

Nossa primeira pergunta valeu por uma objeção: — “Por que você não se dirige antes a seu tio Felinto da Cruz? Não sabe que êle vive disposto a tomar a si a educação dos sobrinhos que queiram estudar?”

Respondeu-nos que de lá já saíra desenganado. Assegurou que o magnânimo mecenas gostava de dizer que por êle, José Teles da Cruz, nada faria, por saber que para nada haveria de dar. E o velho tinha suas razões: até então o menino em aprêço, apesar de inteligente, apesar de bem alfabetizado e irrepreensível nos costumes, dava a todos a impressão de a nada ligar, nada tomando a sério. Pura crise de adolescência precoce que, por êrro de observação, tomava-se como revelação de caráter.

E José Teles prosseguiu no seu desabafo: — “Foi exatamente por isto que eu resolvi botar a vergonha para um lado e vir até aqui pedir aos senhores que me aceitem sem pagar nada. Eu quero agora mostrar que também sou gente.”

Ao ouvir tal declaração, mons. Joviniano pareceu emocionado e disse para o mocinho, num gesto de franca simpatia: — “Como você possui ali, na Praça da Matriz, um tio legítimo em boas condições, vá daqui à casa dêle e peça que lhe dê sombra e mesada até o fim dêste trimestre. Se durante estas semanas você der provas de querer deveras estudar, logo depois eu o receberei aqui e você só se obriga a pagar os livros e a lavagem de roupa.”

A medida obteve o alcance imaginado. José Teles da Cruz meteu-se em brios, tornando-se, dentro em breve, o primeiro da classe. Tornou-se mesmo aluno de tal senso de responsabilidade que no ano seguinte pôde ser investido no ofício de censor de seus condiscípulos.

E quando, três anos decorridos, desmembrou-se do Seminário o Colégio Diocesano, com a denominação de Ginásio Cratense, pôde êle ser o vice-diretor da nova instituição, não sem impor-se ao respeito geral.

Dai por diante, sua marcha foi de triunfo em triunfo até bacharelar-se em Fortaleza e ocupar posição de relêvo no jornalismo da capital cearense. Homem de bem e intelectual de raros dotes, o Dr. José Teles da Cruz, há tempos domiciliado na Guanabara, deve sua carreira e felicidade a êsse gesto de compreensão e paternidade de mons. Joviniano Barreto.

E diga-se sem reboços que vários outros moços de então, se quisessem vir à fala, muito teriam de contar em abono do educador em foco.

Para o definitivo julgamento de mons. Joviniano como homem da Igreja, faz-se necessário tirar a limpo o grau de influência que efetivamente lhe terá cabido na parábola percorrida pelo “Minarete”,

periódico fundado sob suas vistas e redatoriado por um grupo de seminaristas de seu Seminário Maior.

O móvel da fundação fôra o mais digno de aplauso: adestrar os futuros ministros de Deus na difícil arte de fazer imprensa, insubstituível gênero de apostolado moderno. Sucedeu, porém, que pouco a pouco a orientação primitiva sofreu certas modificações. Em vez de jornal puramente informativo e doutrinário, foi-se tornando visivelmente polêmico; e nessas escaramuças, em que eram alvejados, às vezes, vultos de relêvo do laicado citadino, nem sempre a caridade, virtude básica do cristianismo, saía sem arranhões.

De alguma forma a cidade se dividiu em duas facções: os que apoiavam as campanhas sustentadas pelo "Minarete" e os que discordavam de tais processos de exhibir conhecimentos e impor seus pontos de vista, máxime em se tratando de alunos de um instituto de formação clerical. Não há negar, entretanto, que os moços sabiam manejar a pena e chamavam a atenção geral pelos dotes incomuns de que davam ali inequívocas demonstrações.

Em vista de a criação do jornal se ter feito em plena "sede vacante", o segundo Bispo do Crato, Dom Francisco Pires, sentiu prontamente o inconveniente daquele estado de cousas. E, depois de tentar todos os meios suasórios, deu ordem expressa para o fechamento da fôlha. Daí resultou profunda mágoa da parte do Reitor, que logo pediu a própria exoneração do cargo e, no ano imediato, transferiu-se para a direção do Ginásio Cratense e mais tarde para o paroquiatto em Juazeiro do Norte, postos êsses de que se desincumbiu superiormente.

Sua capacidade de trabalho, sua inteligência de rara lucidez, sua lealdade característica, sua modéstia a tôda prova, a firmeza de suas convicções religiosas, sua coragem de atitudes, sua pontualidade e autodisciplina marcavam-lhe um lugar de exceção onde quer que aparecesse.

Durante vários anos de longa permanência no Crato, acumulou, para espanto de muitos, os seguintes officios: Secretário do Bispado, Reitor do Seminário e Diretor do Colégio Diocesano, Vice-Presidente do Banco do Cariri, Diretor da Obra das Vocações Sacerdotais, além do de professor de Religião, Direito Canônico, Teologia Dogmática e Latim. Um factótum deveras surpreendente.

Aqui dou por encerrado o meu humilde comentário ao livrinho do padre Neri Feitosa.